

Dislexia: Barreiras e Desafios enfrentados por professores da Educação Básica.

Dyslexia: Barriers and Challenges faced by Basic Education Teachers

ELIL DOS ANJOS RODRIGUES
Faculdade Unyleya

TALITA CAMPELO
Faculdade Unyleya

Resumo: Este trabalho abordará o processo de avaliação e identificação de casos de dislexia, suas barreiras e os desafios enfrentados por professores que lidam com crianças na fase de alfabetização. O número de crianças com dificuldades na leitura e na escrita é cada vez maior. O estudo realizou uma pesquisa com professores da rede pública estadual de ensino em Belém (distritos de Icoaraci e Ilha de Caratateua, Pará) para investigar o papel dos docentes no diagnóstico da dislexia, as barreiras encontradas e os desafios encarados, visto que é na escola, mais especificamente na sala de aula, que a criança apresenta os primeiros sintomas de dificuldades de aprendizagem. Nela, os professores puderam expressar as dificuldades que enfrentam devido à falta de formação na área e à ausência de apoio das autoridades competentes. Com o resultado dos dados obtidos, este trabalho busca alertar autoridades, famílias e professores para a responsabilidade que têm com o ensino e a aprendizagem das crianças, principalmente as que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Dislexia. Investigação. Avaliação. Barreiras.

Abstract: This study addresses the process of assessment and identification in cases of dyslexia, its barriers, and the challenges faced by teachers working with children in the literacy phase, as well as the growing number of children who present difficulties in reading and writing. This research was carried out with teachers from the state public school system in Belém (Icoaraci and Ilha de Caratateua districts, Pará) to investigate the teachers' role in the diagnosis of dyslexia, the barriers they encounter, and the challenges they face, considering that children usually show the first signs of learning difficulties at school. In the study, teachers expressed the difficulties they face due to the lack of training in the area and the absence of support from the competent authorities. Based on the data obtained, this study aims to alert authorities, families, and teachers to their responsibility regarding children's teaching and learning, especially those with learning difficulties.

Keywords: Dyslexia. Investigation. Assessment. Barriers.

1 Introdução

O processo de avaliação diagnóstica nos casos de dislexia, seus equívocos, barreiras e desafios enfrentados pelo professor, serão o foco desta Introdução. O problema se evidencia na escola. Por isso, haverá uma investigação por meio de pesquisa realizada com professores da educação básica da rede pública de ensino para demonstrar como é realizado e encaminhado o diagnóstico para a dislexia. No processo de avaliação, podem ocorrer equívocos com repercussões até irreversíveis em muitos casos. São muitas as queixas de professores da educação básica quanto à dificuldade da leitura; muitos alunos terminam a fase de alfabetização sem aprender a ler. Diante desse problema, o que é encaminhado para que seja resolvido? As dificuldades de aprendizagem são inúmeras, todavia, a leitura e a escrita ficam em evidência e parecem ser mais cobradas desse aluno. Com isso, o desafio para este trabalho é: investigar o que os professores fazem para solucionar essa dificuldade.

Quando se fala em dislexia, ainda há um grande número de profissionais da educação que desconhecem essa dificuldade de aprendizagem. No entanto, é no âmbito escolar que ela pode se revelar, exatamente quando a criança deveria começar a ler e escrever. É essa a expectativa da família e dos professores das crianças em fase de alfabetização. Quando isso não ocorre ou demora a acontecer, pais e professores entram em um grande dilema, iniciando-se as especulações sobre a possível causa do problema. Nessa busca, encontram inúmeros entraves e desafios, visto que essa dificuldade não é fácil de diagnosticar, pois nem todas as crianças que a apresentam têm dislexia. Por outro lado, descobri-la tardiamente acarreta uma série de problemas com sérias repercussões para a vida do indivíduo.

Com o intuito de refletir sobre a participação do professor no processo de diagnóstico da dislexia, este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa com alguns professores da educação básica. Nela, expõem suas angústias, desafios e as barreiras que dificultam o transcorrer ideal para um diagnóstico e um tratamento eficientes. Com isso, o trabalho busca alertar professores, família e autoridades provedoras da educação básica gratuita para a importância do diagnóstico precoce e a necessidade de formação para os profissionais que vivenciam essa realidade.

Muitos professores observam que o aluno tem problemas na leitura e na escrita e dizem que ele tem dislexia, mas isso pode não ser verdadeiro. Em contrapartida, ignorar esses primeiros sintomas, que devem ser identificados na sala de aula, gera uma complicação maior. De um lado, o diagnóstico inadequado, de outro, o tardio, ambos contribuem para o agravamento do problema. Dizer que a criança tem dislexia e encaminhá-la para a educação especial tem sido uma prática realizada por alguns professores alfabetizadores, porém, outros problemas interferem na aprendizagem. Déficit de atenção, escola inadequada, problemas sensoriais como visão e audição, outras síndromes neurológicas e comportamentais que apresentam os mesmos sintomas podem prejudicar a alfabetização. É necessário socorrer essa criança, investigando a causa da dificuldade apresentada. Por isso, o diagnóstico para identificar a dislexia precisa ser multidisciplinar e de exclusão.

Não é de hoje que na área da educação vivemos uma problemática séria quanto ao devido encaminhamento para o tratamento das dificuldades de aprendizagem, em destaque, a dislexia. Um número considerável de crianças sai da educação básica sem aprender a ler, e sem a leitura o transcorrer das demais disciplinas do currículo escolar se torna inviável. Essa pode ser a realidade de muitas escolas. Portanto, na tentativa de amenizar esses problemas, pretende-se fazer uma pesquisa com professores da educação básica para investigar como está transcorrendo esse processo e o que é feito nos casos desses alunos que apresentam essa dificuldade. Posteriormente, a apresentação dos resultados obtidos, apoiada em teorias esclarecedoras da área psicopedagógica, pretende contribuir para uma possível mudança desse quadro problemático.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral: Investigar como ocorre o processo de diagnóstico de dislexia na escola pública.

Objetivos Específicos:

- I. Coletar dados sobre os possíveis entraves que obstaculizam a avaliação correta da dislexia.
- II. Detectar as barreiras e os desafios que os professores da educação básica enfrentam quanto ao processo de diagnóstico e tratamento da dislexia.
- III. Verificar quais são os recursos oferecidos pelo estado para o apoio nos trabalhos em sala de aula.
- IV. Analisar a formação acadêmica dos professores da educação básica.
- V. Ressaltar a importância do psicopedagogo no processo de diagnóstico da dislexia.

2 Referencial Teórico

A dislexia tem sido uma das dificuldades de aprendizagem mais discutidas nas últimas décadas. Contudo, ainda não há uma explicação fechada para a sua causa, e cada vertente teórica apresenta suas hipóteses na busca por uma resposta para esse problema, que acomete um número cada vez maior de crianças em idade escolar.

Dentre alguns conceitos sobre a dislexia, apresenta-se o atual proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que a define como "uma dificuldade específica de leitura, não explicada por déficit de inteligência, oportunidade de aprendizado, motivação geral ou acuidade sensorial diminuída, seja visual ou auditiva". De maneira similar, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) define a dislexia como "uma dificuldade específica do aprendizado da leitura e escrita em crianças com inteligência normal, sem distúrbios sensoriais e motores".

Esses conceitos ressaltam o aspecto da dificuldade em aprender a ler e a escrever. A respeito disso, Massi, em seu livro *A dislexia em questão*, apresenta algumas perspectivas

teóricas sobre a produção da linguagem e dos sujeitos, incluindo a perspectiva sociointeracionista (Bakhtin, 1992a; 1992b, e Vygotsky, 1991; 1991b), a concepção de linguagem como atividade constitutiva (Franchi, 1992), um conceito de texto (Koch, 2002; 2003) e estudos de pesquisadores brasileiros.

Segundo a autora, para Bakhtin, o ser humano se constitui na interação socioverbal. É no contato com o outro, em sociedade, que ele tem acesso à escrita como objeto de conhecimento:

O que Bakhtin procura destacar é um aspecto diferenciador que ele vê entre as ciências na relação com o objeto: uma relação monológica nas ciências naturais (porque o objeto é mudo) e uma relação dialógica nas ciências humanas (porque o objeto é o texto, a expressão de alguém). (Faraco *apud* Massi, 2007, p.57)

Podemos concluir que, para Bakhtin, um sujeito não pode se desenvolver linguisticamente sem o contato com o outro. Para ele, a língua é viva quando pode ser exteriorizada e colocada em prática nas situações de interação social:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (Bakhtin *apud* Massi, 2007, p. 60)

Na tese de Bakhtin, percebe-se a importância de se considerar o meio social da criança ou dos adultos em fase de alfabetização. Esses sujeitos têm sua história de vida inserida em uma sociedade, e, em um processo de diagnóstico, esse fato deve ser levado em conta, pois nele podem residir explicações plausíveis para os desvios de aprendizagem da leitura e da escrita. Vygotsky, por sua vez, acrescenta à tese de Bakhtin a ideia de que as interações verbais contribuem para os processos cognitivos. Para ele, o pensamento psicológico se origina na dinâmica interativa:

Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois no interior da criança (intrapsicológica) [...]. Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para memória lógica e para formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (Vygotsky *apud* Massi, 2007, p.69)

Tanto Vygotsky quanto Bakhtin acreditam na interação entre os sujeitos como fundamental para o desenvolvimento, ou seja, o conhecimento vem de fora para dentro, e, no interior do sujeito, ocorrem as transformações necessárias para posteriormente serem exteriorizadas. Esses conceitos nos fazem refletir sobre o fracasso de crianças em processo de alfabetização. Onde estão as causas disso? Podemos dizer que é uma doença? Que as crianças têm distúrbios?

Baseados em Bakhtin e Vygotsky, as causas podem estar no meio social em que a criança está inserida: sua família, sua escola e outros. É, portanto, imprescindível haver um

diagnóstico que contemple esses fatores, visto que as dificuldades apresentadas nessa fase de apropriação da escrita podem não confirmar a dislexia.

Quanto à linguagem como atividade constitutiva, Franchi também enfatiza que é na interação social que o sujeito se apropria do sistema linguístico:

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que dá forma ao conteúdo de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do “vivido” que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (Franchi, 1992 *apud* Massi, 2007, p.75)

Massi também apresenta conceitos de linguistas que estudam a construção textual e os recursos utilizados para tal, como a coesão e a coerência, que juntas contribuem para a elaboração da estrutura textual e a construção do sentido; a progressão referencial, a progressão tópica, a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade e outros elementos.

Massi (2007) enfatiza que uma investigação que leva em consideração esses fatores descarta a possibilidade de distúrbios relacionados à linguagem. Para ela, se indivíduos em questão conseguem criar textos—como trechos de conversas em que se juntam a linguagem, o pensamento e as interações sociais—isso significa que, ao contrário do que a literatura sobre dislexia geralmente afirma, não é possível que eles tenham um transtorno ligado à escrita. Isso se deve ao fato de que não há uma dificuldade com a própria linguagem que possa explicar tal problema.

Massi chama a atenção para o fato de que os distúrbios apresentados podem não representar uma patologia, mas indícios de um processo de aquisição da linguagem. Para ela, não se pode tomar as produções escritas infantis como simples manifestações imperfeitas, visto que se tem como parâmetro o modelo adulto. O uso indevido de letras, a aplicação indevida das regras gramaticais, o acréscimo ou supressão de letras e a transcrição fonética são indícios de apropriação da escrita e, portanto, fazem parte desse processo. É importante deixar a criança escrever e manipular a linguagem, buscando conscientemente a convenção ortográfica.

A OMS define a dislexia como uma dificuldade específica na leitura; Massi, em sua tese, apoiada em estudos linguísticos, afirma que as dificuldades são indícios da aquisição da escrita, levando em consideração a história da criança. Assim também, outros autores apresentam suas hipóteses, todos em busca de uma resposta para a causa da dislexia.

O próprio nome já nos conduz à concepção patológica, como apresentam Muszkat & Rizzutti (2012): "do grego, *dys*, significando imperfeito como disfunção, isto é, uma função anormal ou prejudicada; e *lexia* que, do grego, dá significação mais ampla ao termo palavra, isto é, como linguagem em seu sentido amplo". Contudo, é importante ressaltar os aspectos sociais e linguísticos vislumbrados por Massi. O que não podemos é deixar de socorrer a criança que, por algum motivo, não acompanha sua turma e não consegue ler ou escrever.

Como diz Davis em seu livro *O dom da dislexia*: não podemos pensar somente nos problemas, mas tentar ver o lado positivo, nas possibilidades a serem trabalhadas, e investigar a melhor maneira para que ela aprenda as convenções da escrita, evitando que ela seja mais um adulto excluído do processo de ensino-aprendizagem, sem perspectivas de trabalho e de um futuro digno.

A psicopedagogia desempenha um papel importantíssimo na área educacional. Através de seus métodos, possibilita ao sujeito em condições de não-aprendizagem o despertar de suas potencialidades e, com isso, a melhora de sua autoestima. Portanto, a psicopedagogia fundamentará este trabalho, que abordará a dificuldade para ler: a dislexia.

Muitas são as tentativas de descrever essa dificuldade. Segundo Davis (1942), a dislexia é um dom (o dom do domínio); já para Boder (1973), a dislexia classifica-se como uma alteração primária na linguagem. Durante esse processo de definição, muitas crianças continuam a fracassar na escola. Para Miranda (2008), no início do terceiro milênio, embora haja um esforço para abandonar o modelo de ensino que seleciona e marginaliza (exclui) e para adotar um novo ideal focado no desenvolvimento completo das pessoas, o ambiente escolar ainda é dominado pela mentalidade de insucesso e rejeição .

Nesse contexto, a escola entra como instituição promotora da educação formal e o professor como responsável pela tarefa educativa. Sendo assim, este trabalho se direcionará para o papel desse profissional no processo de diagnóstico da dislexia. Conforme Oliveira (2009), quando tratamos do diagnóstico psicopedagógico dentro de uma instituição, estamos falando de uma ferramenta teórica que permite ao psicopedagogo desenvolver uma maneira distinta de observar e ouvir, focada no processo de ensino e aprendizagem. O objetivo dessa ferramenta é identificar e analisar os indícios (sintomas), para então encontrar soluções para as dificuldades que estão sendo investigadas.

É com essa perspectiva que este trabalho investigará a participação do professor no diagnóstico da dislexia e, mais que isso, deseja fomentar a prática psicopedagógica na escola.

3 Metodologia

A abordagem metodológica deste estudo situa-se pautada nas chamadas pesquisas qualitativas. Este enfoque teórico tem sido defendido por muitos pesquisadores sob vários aspectos, inclusive suas etapas de desenvolvimento. No caso do planejamento, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p. 147) destacam que: "[...], ao contrário do que ocorre com as pesquisas quantitativas, as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos".

Outro aspecto que ajuda a caracterizar a pesquisa qualitativa envolve a possibilidade de observação participante, onde: "[...]. O investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e a ganhar a sua confiança, elaborando um registro escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa" (Bogdan; Biklen, 1994, p. 16).

Diante do propósito deste estudo, que é recorrer a uma metodologia que combine a investigação acadêmica com a ação prática para resolver problemas específicos em um contexto real, combinando a colaboração entre pesquisadores e participantes, levou-se à opção pela pesquisa-ação. Na tentativa de esclarecer idealizações pertinentes a este contexto metodológico, apresentam-se a seguir cinco delas:

- **Colaboração:** Pesquisadores trabalham em estreita colaboração com os participantes envolvidos no problema, identificando, planejando e implementando ações para promover mudanças.
- **Ciclos de Ação e Reflexão:** O processo envolve ciclos contínuos de ação e reflexão. Os participantes realizam ações, observam os resultados e refletem sobre eles para aprimorar as práticas.
- **Contexto Real:** A pesquisa é realizada em contextos reais (escolas, empresas, comunidades etc.) onde o problema a ser resolvido é uma preocupação prática.
- **Melhoria Contínua:** O objetivo é melhorar práticas, políticas ou procedimentos existentes por meio de ações informadas pela pesquisa. A ênfase está na solução de problemas e no aprendizado mútuo.
- **Participação Ativa:** Os participantes desempenham um papel ativo na definição de objetivos, coleta de dados e efetivação das ações.

No que diz respeito à pesquisa-ação em si, para Godoy (1995, p.3):

[...] é frequentemente usada na educação, onde a abordagem colaborativa é valiosa para a resolução de problemas práticos. Sendo assim: Os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa ilumina", esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisível para observadores externos. Deve-se assegurar, no entanto, a precisão com que o investigador captou o ponto de vista dos participantes, testando-o junto aos próprios informantes ou confrontando sua percepção com a de outros pesquisadores.

Enfim, embora a pesquisa-ação tenda a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática.

Procedimentos Adotados

As atividades do minicurso foram desenvolvidas em quatro etapas com duração de 15 horas cada, totalizando 60 horas:

1. A primeira etapa focou em embasar a compreensão dos participantes sobre o abandono e/ou evasão escolar.
2. A segunda etapa buscou embasar os envolvidos sobre a TAS (Teoria da Ação Situada).
3. A terceira consistiu na formulação de planos de ações respaldados na TAS, visando preparar os participantes para lidar com o abandono/evasão escolar na perspectiva de melhorar o desempenho dos estudantes.
4. A quarta etapa buscou aprimorar o minicurso a partir das reflexões surgidas nas três etapas iniciais, para que possa ser replicado por meio de formações continuadas.

Todas as etapas envolveram a realização de encontros presenciais e *online* concomitantes. Houve encontros presenciais para a realização das atividades propostas em grupo e encontros síncronos para apresentação e discussão das atividades. Para subsidiar a parte *online*, foi criada uma sala virtual (*Google Meet*), onde ocorreram os quatro encontros, sempre aos sábados, das 9h às 12h, nos dias 20 e 27 de abril e 04 e 11 de maio de 2024.

O minicurso envolveu, de forma sucinta, a realização dessas quatro etapas:

- Visão panorâmica sobre o **Abandono e a Evasão Escolar** no Brasil;
- Potencialidade da **TAS** para além da sua aplicação em sala de aula;
- Construção de uma **formação continuada** com o intuito de transformar a realidade numérica da Evasão e do Abandono Escolar no Brasil;
- Construção de **sugestões** por parte dos participantes para o enfrentamento do problema.

O minicurso proporcionou reflexões pertinentes sobre a articulação entre o Abandono/Evasão Escolar e a TAS, visando contribuir com a melhora da potencialidade educativa dos planos de ações vivenciados no ambiente escolar.

A amostra foi de 09 participantes, sendo estes estudantes da graduação em A amostra foi composta por nove (9) participantes, sendo estes estudantes da graduação em licenciatura em matemática e do mestrado em Educação, ambos da Universidade de Pernambuco (UPE), orientandos de um dos professores autores (02) deste artigo.

Inicialmente, foram convidados todos os professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de três escolas da cidade do Rio Grande/RS (uma do centro, outra do Bairro Lar Gaúcho e outra do Bairro Cassino). No entanto, nenhum professor aderiu ao convite,

alegando falta de tempo. Essa cidade foi selecionada por ser a cidade natal do pesquisador (01) deste artigo.

Os critérios iniciais eram que os participantes fossem professores ou estudantes de licenciatura, de dois estados diferentes, a fim de comparar percepções e resultados existentes sobre o abandono e a evasão escolar. Contudo, devido à falta de participação dos convidados do Rio Grande/RS, o minicurso foi efetivado apenas para estudantes da UPE.

4 Metodologia / Resultados e Discussão

Investigar como tem ocorrido o processo de diagnóstico da dislexia em algumas escolas da rede pública de ensino foi o foco dessa pesquisa. Por meio de um questionário, foi realizada uma pesquisa de campo com professores, que puderam expressar suas experiências, relatar as barreiras e os desafios enfrentados ao identificar sintomas da dislexia.

O questionário foi aplicado a dez professoras de escolas distintas: quatro ensinam Língua Portuguesa e seis são da educação geral, com experiência de trabalho entre cinco e vinte e um anos. Em suas formações acadêmicas, quatro professoras tiveram disciplinas que abordaram as dificuldades de aprendizagem, e seis alegam não ter estudado o assunto.

Este questionamento se justifica pelo fato de que alguns cursos superiores, com currículo mais antigo ou mesmo recente, não contemplam as dificuldades de aprendizagem. Isso configura um problema, especialmente porque o número de crianças que necessitam de professores preparados para perceber esses problemas e conduzir a aprendizagem da melhor maneira está cada vez maior. O principal é fazer com que a criança aprenda e evolua, afinal, é para isso que a escola existe. É de extrema importância que os cursos de formação e graduações para professores incluam em sua grade curricular disciplinas que trabalhem as dificuldades de aprendizagem.

Em relação ao diagnóstico da dislexia, perguntou-se por quem ele é realizado e se existem crianças disléxicas nas turmas. Das seis que responderam, três disseram que a família se encarrega disso, uma acha que é o professor quem realiza o diagnóstico, e duas encaminham as crianças para médicos. Das dez professoras, seis têm em sua turma crianças que apresentam dislexia. Como já foi mencionado, esse processo não pode ocorrer do modo como está sendo feito, pois há a necessidade de uma equipe multidisciplinar. Contudo, esse

é um problema de proporção muito maior: muitas escolas não têm essa equipe, ou a secretaria de educação possui um departamento para educação especial que acaba tratando também dos casos de dislexia. Em todo caso, não há um programa que acompanhe somente as crianças com dislexia, ou elas se enquadram na educação especial? Essa é outra discussão a ser travada.

Os métodos que as professoras utilizam para perceber a dislexia são: observar se as crianças trocam letras, escrevem palavras ao contrário, apresentam dificuldades na leitura e na escrita, confusão com o som das palavras e se repetem muito de série. Embora esses sintomas não confirmem a dislexia, são indícios. O que não se pode é confirmar a dislexia sem que haja um completo e preciso diagnóstico. É de extrema necessidade que professores e outros profissionais da área conheçam o processo de diagnóstico para evitar tantas incoerências.

Foi questionado sobre o que os professores fazem ao perceber essas dificuldades no aluno. As respostas foram variadas: dois responderam que os encaminham para a educação especial ou avaliação pedagógica; os outros disseram que fazem atividades diferenciadas, conversam com a família, encaminham para o fonoaudiólogo ou para avaliação médica; e outros não tomam nenhum procedimento. Essa diversidade nas respostas mostra que não há uma orientação adequada, e o problema parece ser transferido para um desses seguimentos, esperando que algum deles o resolva. Na verdade, isso é reflexo da necessidade de formação para os profissionais, que fizeram uma graduação que contemplou apenas a ciência de sua disciplina. Hoje não se pode mais limitar a grade curricular do professor apenas ao estudo da matemática, da língua, da geografia etc.

Os professores não podem assumir funções que não são suas, como de psicólogos, fonoaudiólogos ou médicos, mas devem ser conhecedores das dificuldades de aprendizagem para saberem detectá-las e tomar as providências necessárias e corretas diante do problema.

Na pesquisa, também foi relatado que o estado não oferece recursos humanos e materiais adequados nas escolas para os professores trabalharem. Diante disso, os professores buscam metodologias, pesquisam sobre jogos pedagógicos. Aqueles que já receberam alguma formação na área utilizam recursos como o alfabeto móvel, caixa de areia, argila e massa de modelar, comprando esses materiais para usarem em suas aulas e ajudarem os alunos em dificuldades. Quando se perguntou se já receberam alguma formação sobre dislexia, a maioria disse que não.

Segundo os professores, as barreiras que impedem o processo correto de diagnóstico da dislexia são: falta de conhecimento sobre o assunto, imposição de um conteúdo sem levar em conta o nível de aprendizagem, salas superlotadas, falta de material adequado, falta de tempo para estudar e especializar-se (em virtude de longas jornadas de trabalho) e a não inclusão de disciplinas que tratem desse tema no currículo acadêmico, entre outros.

São muitas as barreiras na rede pública de ensino. Nossos governantes ainda não implantaram políticas coerentes para o tratamento da dislexia ou demais dificuldades. Assim, restam os desafios para aqueles comprometidos com a aprendizagem, os que assumem suas funções verdadeiramente. É evidente que essa não é a solução, por isso é necessário chamar a atenção do estado para que cumpra suas responsabilidades, provendo educação para todos.

5 Considerações Finais

Os professores da rede pública de ensino que participaram da pesquisa puderam expressar como lidam em suas escolas com crianças que podem ter dislexia. Ainda não há preparo suficiente e, mais que isso, falta o amparo necessário, seja em termos de formação ou infraestrutura. O governo não promove formação sobre o assunto, e a Legislação Educacional não trata das necessidades dos educandos de maneira clara, portanto, não cumpre com o seu dever. O conhecimento que os professores possuem deriva da experiência em sala de aula ou da busca por formação própria, superando barreiras financeiras e aproveitando o pouco tempo que lhes resta da atribulada carga horária.

Os resultados da pesquisa mostram que alguns professores demonstram certa habilidade para dar início ao processo de diagnóstico da dislexia, mas outros não sabem como conduzir esses casos ou até mesmo os desconhecem. Essa pode ser a realidade de muitos professores de nossas escolas públicas. É imprescindível que haja formação adequada principalmente para os professores, pois eles são os primeiros a perceber as dificuldades de aprendizagem atreladas à dislexia.

Quantos professores já tiveram alunos que não aprenderam a ler e escrever? Quantos vivenciam hoje essa realidade, com crianças que completam dez anos e não conseguem ler? Inúmeros já passaram por essa experiência e não souberam o que fazer. Do

outro lado, muitas crianças já abandonaram os estudos ou foram conduzidas para a educação especial com diagnósticos equivocados. É por isso que o conhecimento sobre a dislexia deve fazer parte da grade curricular das licenciaturas e da pedagogia.

O conhecimento sobre a dislexia ainda está em desenvolvimento, mas o que já se sabe ajuda a tratá-la e a trazer melhorias para a criança. Essas melhorias dependem do bom diagnóstico, que fornece as diretrizes de como agir para que a criança possa desenvolver suas potencialidades. É preciso entender que crianças disléxicas têm uma maneira diferente de aprender. Mas, infelizmente, o diagnóstico é dado tardiamente, o que abre margem a outros problemas, pois a criança pode ir perdendo a plasticidade cerebral e o tratamento fica mais difícil.

A escola precisa saber trabalhar com isso, e os professores necessitam de informações, mesmo básicas, que os ajudem a perceber que a criança que não aprende no mesmo ritmo que as outras precisa de ajuda — uma ajuda valiosíssima para encaminhar o diagnóstico. No entanto, durante muito tempo, esses sintomas iniciais foram erroneamente interpretados e, hoje, mesmo com os estudos já realizados, ainda há o desconhecimento da possibilidade de tratamento. Ressalta-se que, além de uma necessidade, diagnosticar e garantir o acesso aos conhecimentos às crianças é um direito delas.

Mesmo em um tempo de avanços tecnológicos, ainda há uma realidade cruel em nossas escolas. Trabalha-se em instituições sem estruturas adequadas, sem merenda escolar, sem material didático e com muitos outros problemas que fazem com que até os alunos ditos "normais" apresentem inúmeras dificuldades de aprendizagem. E os alunos disléxicos, hiperativos, com déficit de atenção ou problemas neurológicos ficam sem amparo adequado. Urge que se invista na melhoria da educação, principalmente na formação dos professores e na adequação das estruturas, para que se desenvolva um trabalho de qualidade para as crianças que mais precisam.

Portanto, os resultados obtidos nesta pesquisa retratam uma realidade que não se resume apenas às escolas participantes. Outras passam pelos mesmos problemas. Nesse cenário, o professor tem que estar preparado para perceber, investigar, analisar e conduzir os alunos a um diagnóstico importantíssimo e imprescindível para a vida de crianças que precisam superar suas dificuldades de aprendizagem.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **A relevância do diagnóstico da dislexia e da intervenção de qualidade**. São Paulo: ABD. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- BARBOSA, Laura Monte Saerrat. **Intervenção psicopedagógica no espaço da clínica**. Curitiba: Ibpex, 2010.
- DAVIS, Ronald D. **O dom da dislexia**: por que algumas pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender. Com Eldon M. Braun; trad. Ana Lima e Gracia Badaró Massad. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E DO ENSINO (Revista). Paraná: Melo, 2008.
- GODY, Elena; SENNA, Luiz Antonio Gomes. **Psicopedagogia e letramento**. Curitiba: Ibpex, 2011.
- LEAL, Daniela; NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **Dificuldades de aprendizagem**: um olhar psicopedagógico. Curitiba: Ibpex, 2011.
- MASSI, Giselle. **A dislexia em questão**. São Paulo: Plexus Editora, 2007.
- MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil**: histórias e políticas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MUSZKAT, Mauro; RIZZUTTI, Sueli. **O professor e a dislexia**. São Paulo: Cortez, 2012.
- OLIVEIRA, Mari Ângela Calderari. **Psicopedagogia**: a instituição educacional em foco. Curitiba: Ibpex, 2009.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV** (1995).